

Da epistemologia como projeto especulativo: a “ciência” da comunicação segundo José Luiz Braga

Epistemology as speculative project: the ‘science’ of communication according José Luiz Braga

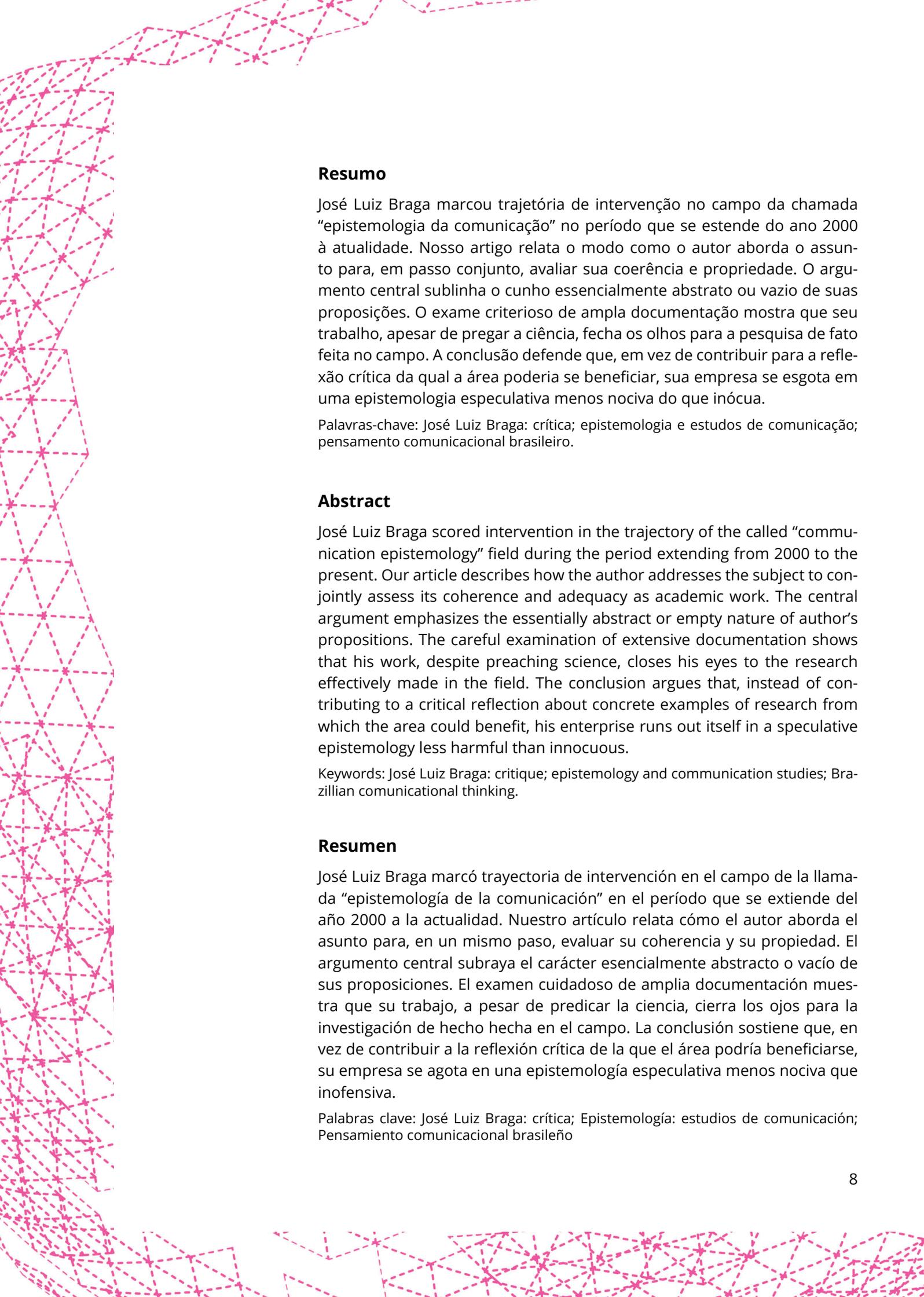
De la epistemología como proyecto especulativo: la “ciencia” de la comunicación según José Luiz Braga

Francisco Rüdiger

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor titular da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1985).

Contato: frudiger33@gmail.com

Artigo submetido em 10/03/2017 e aprovado em 22/07/2017



Resumo

José Luiz Braga marcou trajetória de intervenção no campo da chamada “epistemologia da comunicação” no período que se estende do ano 2000 à atualidade. Nosso artigo relata o modo como o autor aborda o assunto para, em passo conjunto, avaliar sua coerência e propriedade. O argumento central sublinha o cunho essencialmente abstrato ou vazio de suas proposições. O exame criterioso de ampla documentação mostra que seu trabalho, apesar de pregar a ciência, fecha os olhos para a pesquisa de fato feita no campo. A conclusão defende que, em vez de contribuir para a reflexão crítica da qual a área poderia se beneficiar, sua empresa se esgota em uma epistemologia especulativa menos nociva do que inócua.

Palavras-chave: José Luiz Braga: crítica; epistemologia e estudos de comunicação; pensamento comunicacional brasileiro.

Abstract

José Luiz Braga scored intervention in the trajectory of the called “communication epistemology” field during the period extending from 2000 to the present. Our article describes how the author addresses the subject to conjointly assess its coherence and adequacy as academic work. The central argument emphasizes the essentially abstract or empty nature of author’s propositions. The careful examination of extensive documentation shows that his work, despite preaching science, closes his eyes to the research effectively made in the field. The conclusion argues that, instead of contributing to a critical reflection about concrete examples of research from which the area could benefit, his enterprise runs out itself in a speculative epistemology less harmful than innocuous.

Keywords: José Luiz Braga: critique; epistemology and communication studies; Brazilian communicational thinking.

Resumen

José Luiz Braga marcó trayectoria de intervención en el campo de la llamada “epistemología de la comunicación” en el período que se extiende del año 2000 a la actualidad. Nuestro artículo relata cómo el autor aborda el asunto para, en un mismo paso, evaluar su coherencia y su propiedad. El argumento central subraya el carácter esencialmente abstracto o vacío de sus proposiciones. El examen cuidadoso de amplia documentación muestra que su trabajo, a pesar de predicar la ciencia, cierra los ojos para la investigación de hecho hecha en el campo. La conclusión sostiene que, en vez de contribuir a la reflexión crítica de la que el área podría beneficiarse, su empresa se agota en una epistemología especulativa menos nociva que inofensiva.

Palabras clave: José Luiz Braga: crítica; Epistemología: estudios de comunicación; Pensamiento comunicacional brasileño



Louis Althusser pretendia estar defendendo as ciências ao afirmar que seus sujeitos, em geral, costumam professar uma filosofia sobre sua própria atividade que, em vez de lhes ajudar a esclarecer a prática, “mais não faz do que retomar por sua conta, numa variante da devida linguagem, e com exemplos aparentemente novos, os temas clássicos da filosofia dominante, da ‘filosofia dos filósofos’” (ALTHUSSER, 1976, p. 92).

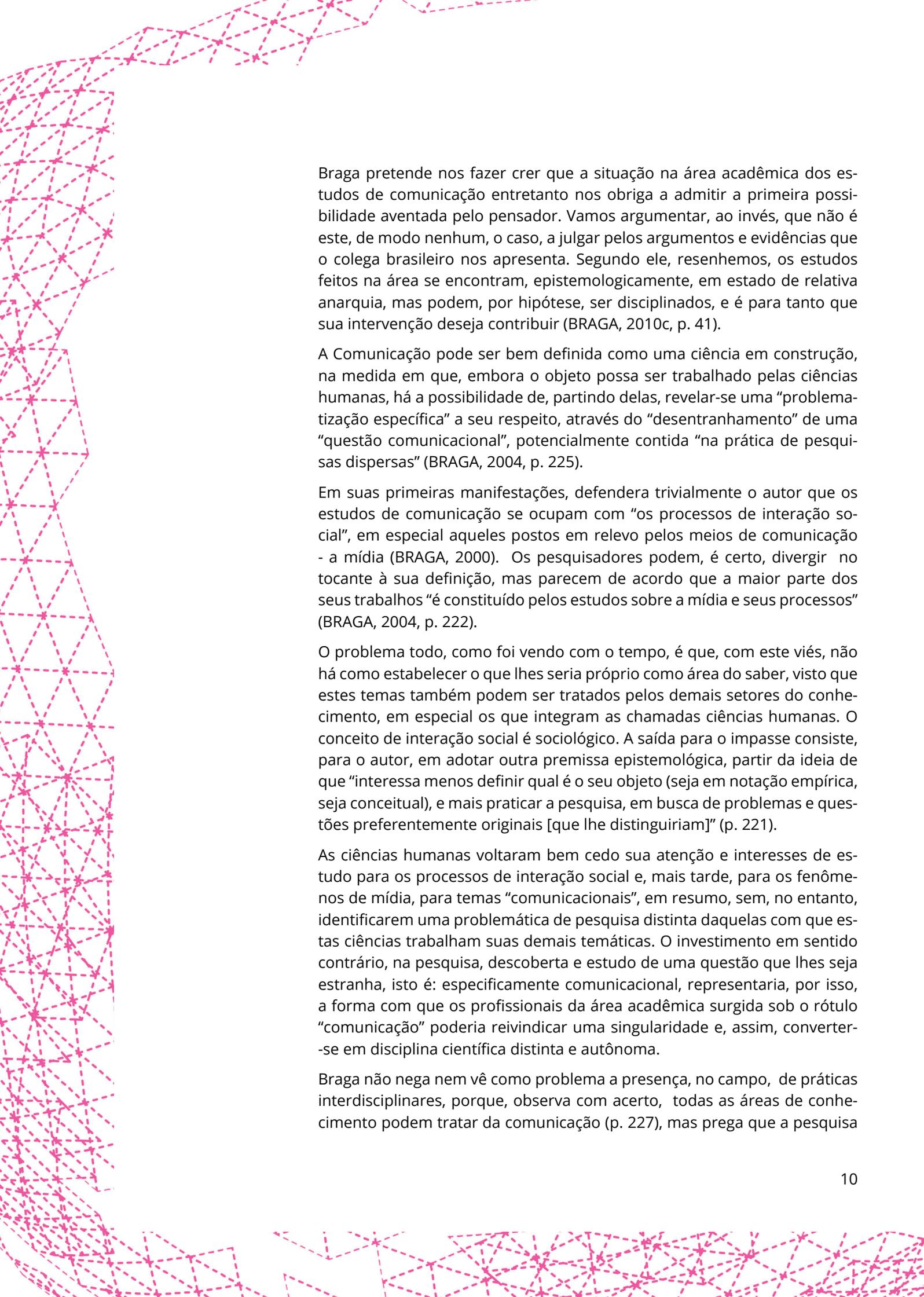
Que dizer então dos acadêmicos que, sem trajetória de pesquisa sólida e documentada, isto é: sem sequer poder citar seus próprios trabalhos, se metem a doutrinar sobre o problema da articulação conceitual dos estudos acadêmicos na área de comunicação, sonham em, estabelecendo fórmulas vazias, instituir sua autonomia disciplinar como ciência em nosso país (cf. xxx, 2014)?

José Luiz Braga ilustra o problema nos sucessivos trabalhos com que marcou trajetória de intervenção no campo da chamada “epistemologia da comunicação”. Para o autor, a área acadêmica de comunicação carece da devida fundamentação, visto ainda não ter se constituído como ciência (BRAGA, 2009, p. 69). “A construção do campo só se fará se o encaminhamento dos conflitos ‘de posição’ [administrativos] levarem à [criação de seus próprios] processos acadêmico-reflexivos de investigação” (BRAGA, 2004, p. 223).

O texto que segue relata o modo como o autor encaminha este assunto para, em passo conjunto, avaliar sua coerência e propriedade. O argumento central sublinha o cunho essencialmente abstrato das proposições feitas por ele. A conclusão será a de que seu trabalho, ao fechar os olhos para a pesquisa de cunho empírico, documental, etnográfico ou experimental de fato feita no campo, em vez de contribuir para a reflexão crítica da qual a área poderia se beneficiar, se esgota em uma epistemologia especulativa menos nociva do que inócua.

Max Weber observara em sua polêmica com o historiador Eduard Meyer que a reflexão epistemológica em abstrato só se revela importante para o progresso do conhecimento científico no campo da cultura quando relatos de pesquisa oriundos de estudos objetivos provocam incerteza sobre a “essência de suas tarefas” e passam a exigir “uma revisão das suas formas lógicas”. Fora disso, “reflexões puramente epistemológicas e metodológicas nunca contribuem para o efetivo desenvolvimento [do conhecimento]”, visto que as ciências só aprimoram seus métodos e avançam “ao delimitarem e resolverem problemas concretos” (WEBER, [1903] 1992, p. 157).

O verdadeiro cientista cultural, arremata o autor, evita “se deixar impressionar por um diletantismo enfeitado de filosofia” e só se dedica ao trabalho metodológico na medida em que este o capacita a desenvolver a pesquisa de realidades objetivamente determinadas, conforme ele mesmo deu exemplo em tantos de seus trabalhos.



Braga pretende nos fazer crer que a situação na área acadêmica dos estudos de comunicação entretanto nos obriga a admitir a primeira possibilidade aventada pelo pensador. Vamos argumentar, ao invés, que não é este, de modo nenhum, o caso, a julgar pelos argumentos e evidências que o colega brasileiro nos apresenta. Segundo ele, resenhemos, os estudos feitos na área se encontram, epistemologicamente, em estado de relativa anarquia, mas podem, por hipótese, ser disciplinados, e é para tanto que sua intervenção deseja contribuir (BRAGA, 2010c, p. 41).

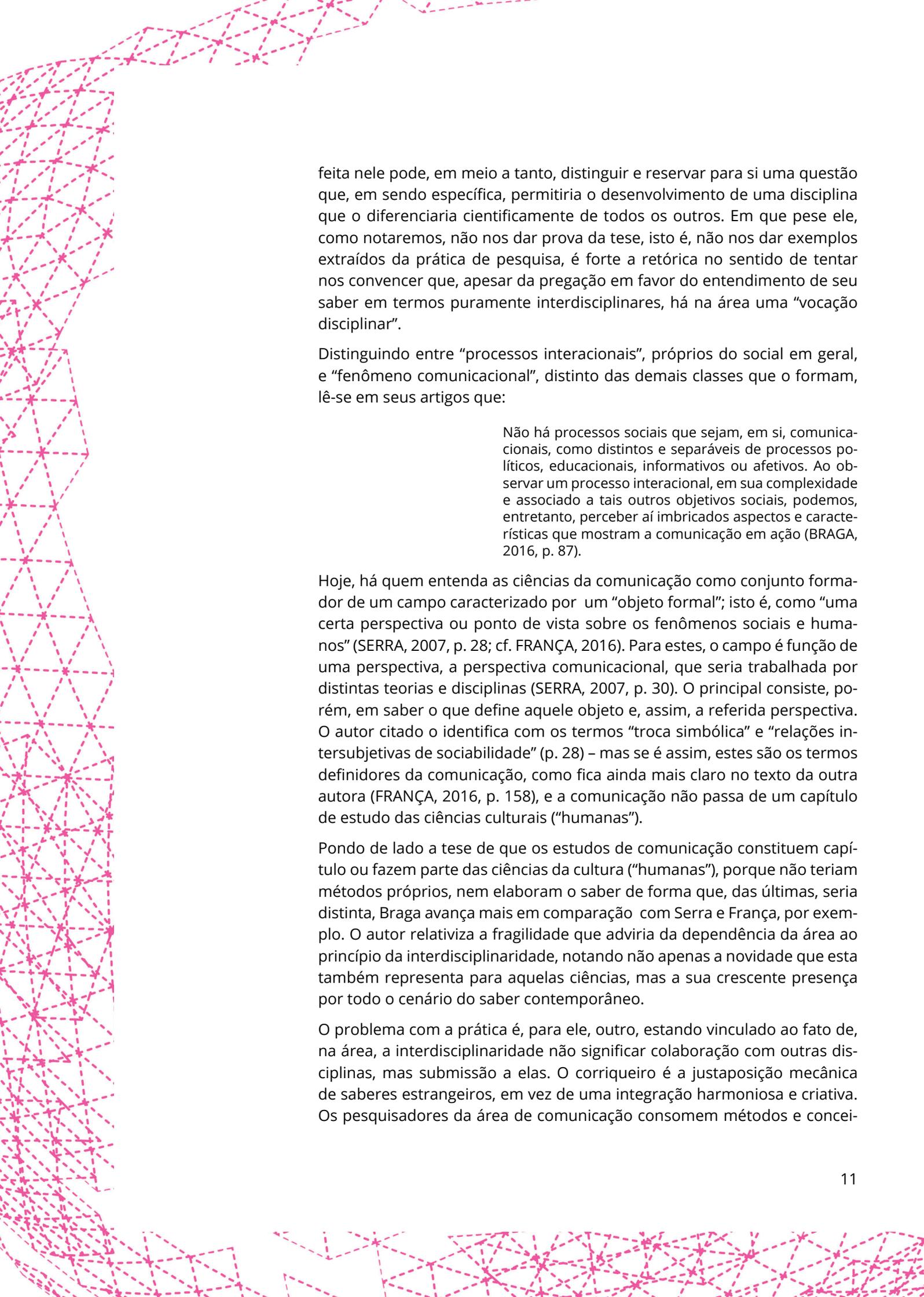
A Comunicação pode ser bem definida como uma ciência em construção, na medida em que, embora o objeto possa ser trabalhado pelas ciências humanas, há a possibilidade de, partindo delas, revelar-se uma “problematização específica” a seu respeito, através do “desentranhamento” de uma “questão comunicacional”, potencialmente contida “na prática de pesquisas dispersas” (BRAGA, 2004, p. 225).

Em suas primeiras manifestações, defendera trivialmente o autor que os estudos de comunicação se ocupam com “os processos de interação social”, em especial aqueles postos em relevo pelos meios de comunicação - a mídia (BRAGA, 2000). Os pesquisadores podem, é certo, divergir no tocante à sua definição, mas parecem de acordo que a maior parte dos seus trabalhos “é constituído pelos estudos sobre a mídia e seus processos” (BRAGA, 2004, p. 222).

O problema todo, como foi vendo com o tempo, é que, com este viés, não há como estabelecer o que lhes seria próprio como área do saber, visto que estes temas também podem ser tratados pelos demais setores do conhecimento, em especial os que integram as chamadas ciências humanas. O conceito de interação social é sociológico. A saída para o impasse consiste, para o autor, em adotar outra premissa epistemológica, partir da ideia de que “interessa menos definir qual é o seu objeto (seja em notação empírica, seja conceitual), e mais praticar a pesquisa, em busca de problemas e questões preferentemente originais [que lhe distinguiriam]” (p. 221).

As ciências humanas voltaram bem cedo sua atenção e interesses de estudo para os processos de interação social e, mais tarde, para os fenômenos de mídia, para temas “comunicacionais”, em resumo, sem, no entanto, identificarem uma problemática de pesquisa distinta daquelas com que estas ciências trabalham suas demais temáticas. O investimento em sentido contrário, na pesquisa, descoberta e estudo de uma questão que lhes seja estranha, isto é: especificamente comunicacional, representaria, por isso, a forma com que os profissionais da área acadêmica surgida sob o rótulo “comunicação” poderia reivindicar uma singularidade e, assim, converter-se em disciplina científica distinta e autônoma.

Braga não nega nem vê como problema a presença, no campo, de práticas interdisciplinares, porque, observa com acerto, todas as áreas de conhecimento podem tratar da comunicação (p. 227), mas prega que a pesquisa



feita nele pode, em meio a tanto, distinguir e reservar para si uma questão que, em sendo específica, permitiria o desenvolvimento de uma disciplina que o diferenciaria cientificamente de todos os outros. Em que pese ele, como notaremos, não nos dar prova da tese, isto é, não nos dar exemplos extraídos da prática de pesquisa, é forte a retórica no sentido de tentar nos convencer que, apesar da pregação em favor do entendimento de seu saber em termos puramente interdisciplinares, há na área uma “vocação disciplinar”.

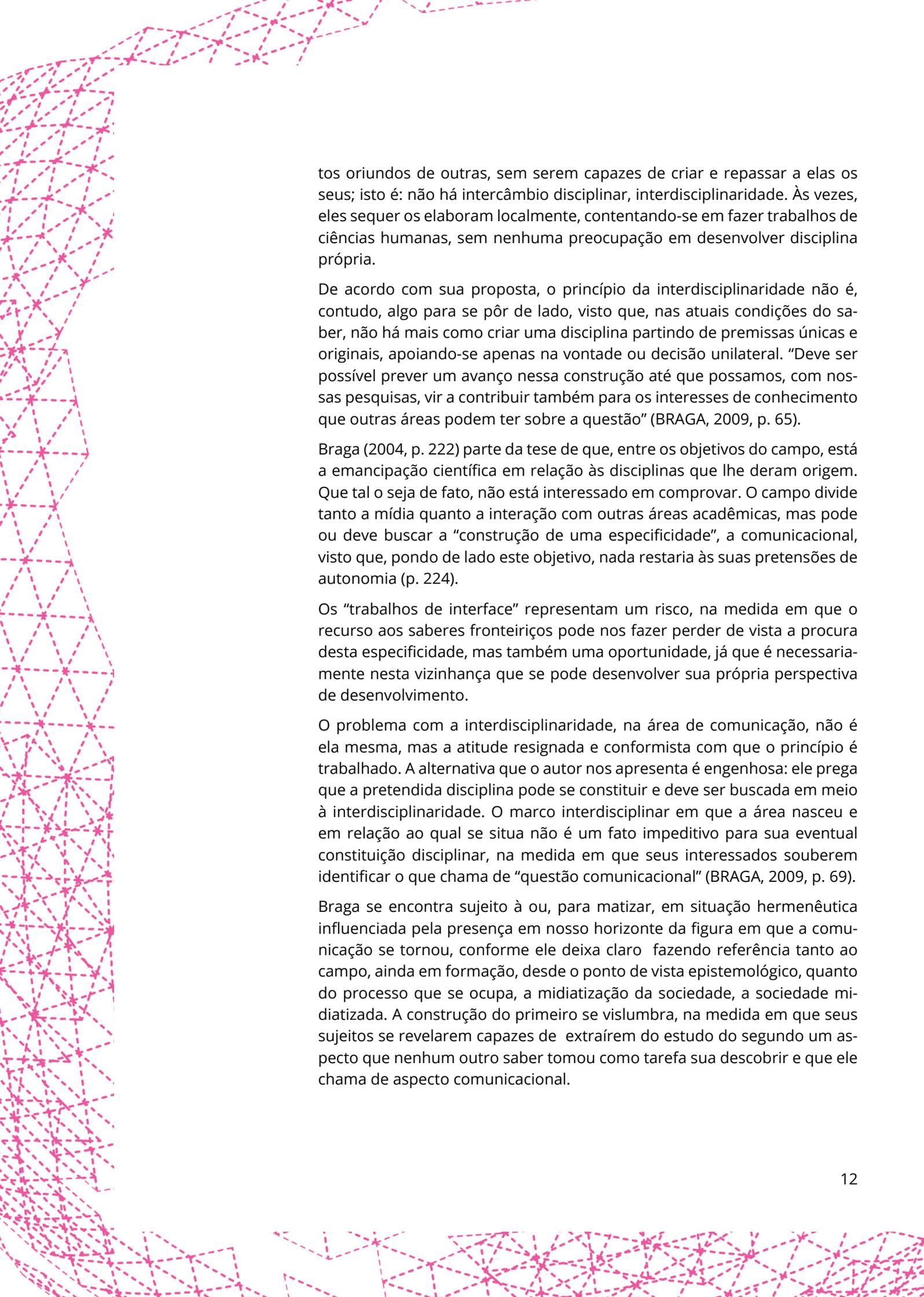
Distinguindo entre “processos interacionais”, próprios do social em geral, e “fenômeno comunicacional”, distinto das demais classes que o formam, lê-se em seus artigos que:

Não há processos sociais que sejam, em si, comunicacionais, como distintos e separáveis de processos políticos, educacionais, informativos ou afetivos. Ao observar um processo interacional, em sua complexidade e associado a tais outros objetivos sociais, podemos, entretanto, perceber aí imbricados aspectos e características que mostram a comunicação em ação (BRAGA, 2016, p. 87).

Hoje, há quem entenda as ciências da comunicação como conjunto formador de um campo caracterizado por um “objeto formal”; isto é, como “uma certa perspectiva ou ponto de vista sobre os fenômenos sociais e humanos” (SERRA, 2007, p. 28; cf. FRANÇA, 2016). Para estes, o campo é função de uma perspectiva, a perspectiva comunicacional, que seria trabalhada por distintas teorias e disciplinas (SERRA, 2007, p. 30). O principal consiste, porém, em saber o que define aquele objeto e, assim, a referida perspectiva. O autor citado o identifica com os termos “troca simbólica” e “relações intersubjetivas de sociabilidade” (p. 28) – mas se é assim, estes são os termos definidores da comunicação, como fica ainda mais claro no texto da outra autora (FRANÇA, 2016, p. 158), e a comunicação não passa de um capítulo de estudo das ciências culturais (“humanas”).

Pondo de lado a tese de que os estudos de comunicação constituem capítulo ou fazem parte das ciências da cultura (“humanas”), porque não teriam métodos próprios, nem elaboram o saber de forma que, das últimas, seria distinta, Braga avança mais em comparação com Serra e França, por exemplo. O autor relativiza a fragilidade que adviria da dependência da área ao princípio da interdisciplinaridade, notando não apenas a novidade que esta também representa para aquelas ciências, mas a sua crescente presença por todo o cenário do saber contemporâneo.

O problema com a prática é, para ele, outro, estando vinculado ao fato de, na área, a interdisciplinaridade não significar colaboração com outras disciplinas, mas submissão a elas. O corriqueiro é a justaposição mecânica de saberes estrangeiros, em vez de uma integração harmoniosa e criativa. Os pesquisadores da área de comunicação consomem métodos e concei-



tos oriundos de outras, sem serem capazes de criar e repassar a elas os seus; isto é: não há intercâmbio disciplinar, interdisciplinaridade. Às vezes, eles sequer os elaboram localmente, contentando-se em fazer trabalhos de ciências humanas, sem nenhuma preocupação em desenvolver disciplina própria.

De acordo com sua proposta, o princípio da interdisciplinaridade não é, contudo, algo para se pôr de lado, visto que, nas atuais condições do saber, não há mais como criar uma disciplina partindo de premissas únicas e originais, apoiando-se apenas na vontade ou decisão unilateral. “Deve ser possível prever um avanço nessa construção até que possamos, com nossas pesquisas, vir a contribuir também para os interesses de conhecimento que outras áreas podem ter sobre a questão” (BRAGA, 2009, p. 65).

Braga (2004, p. 222) parte da tese de que, entre os objetivos do campo, está a emancipação científica em relação às disciplinas que lhe deram origem. Que tal o seja de fato, não está interessado em comprovar. O campo divide tanto a mídia quanto a interação com outras áreas acadêmicas, mas pode ou deve buscar a “construção de uma especificidade”, a comunicacional, visto que, pondo de lado este objetivo, nada restaria às suas pretensões de autonomia (p. 224).

Os “trabalhos de interface” representam um risco, na medida em que o recurso aos saberes fronteiriços pode nos fazer perder de vista a procura desta especificidade, mas também uma oportunidade, já que é necessariamente nesta vizinhança que se pode desenvolver sua própria perspectiva de desenvolvimento.

O problema com a interdisciplinaridade, na área de comunicação, não é ela mesma, mas a atitude resignada e conformista com que o princípio é trabalhado. A alternativa que o autor nos apresenta é engenhosa: ele prega que a pretendida disciplina pode se constituir e deve ser buscada em meio à interdisciplinaridade. O marco interdisciplinar em que a área nasceu e em relação ao qual se situa não é um fato impeditivo para sua eventual constituição disciplinar, na medida em que seus interessados souberem identificar o que chama de “questão comunicacional” (BRAGA, 2009, p. 69).

Braga se encontra sujeito à ou, para matizar, em situação hermenêutica influenciada pela presença em nosso horizonte da figura em que a comunicação se tornou, conforme ele deixa claro fazendo referência tanto ao campo, ainda em formação, desde o ponto de vista epistemológico, quanto do processo que se ocupa, a midiaticização da sociedade, a sociedade midiaticizada. A construção do primeiro se vislumbra, na medida em que seus sujeitos se revelarem capazes de extrair do estudo do segundo um aspecto que nenhum outro saber tomou como tarefa sua descobrir e que ele chama de aspecto comunicacional.



1. Braga excepcionalmente faz pesquisa *stricto sensu* (cf. BRAGA, 2006), mas revela bom faro para o assunto, tendo escrito excelente texto a respeito, na medida em que, de forma clara e detalhada, expõe um conjunto de regras para condução do espírito que todo e qualquer pesquisador de ofício não pode senão endossar, por saber que é deste modo que, em tese, se produz o conhecimento (BRAGA, 2011).

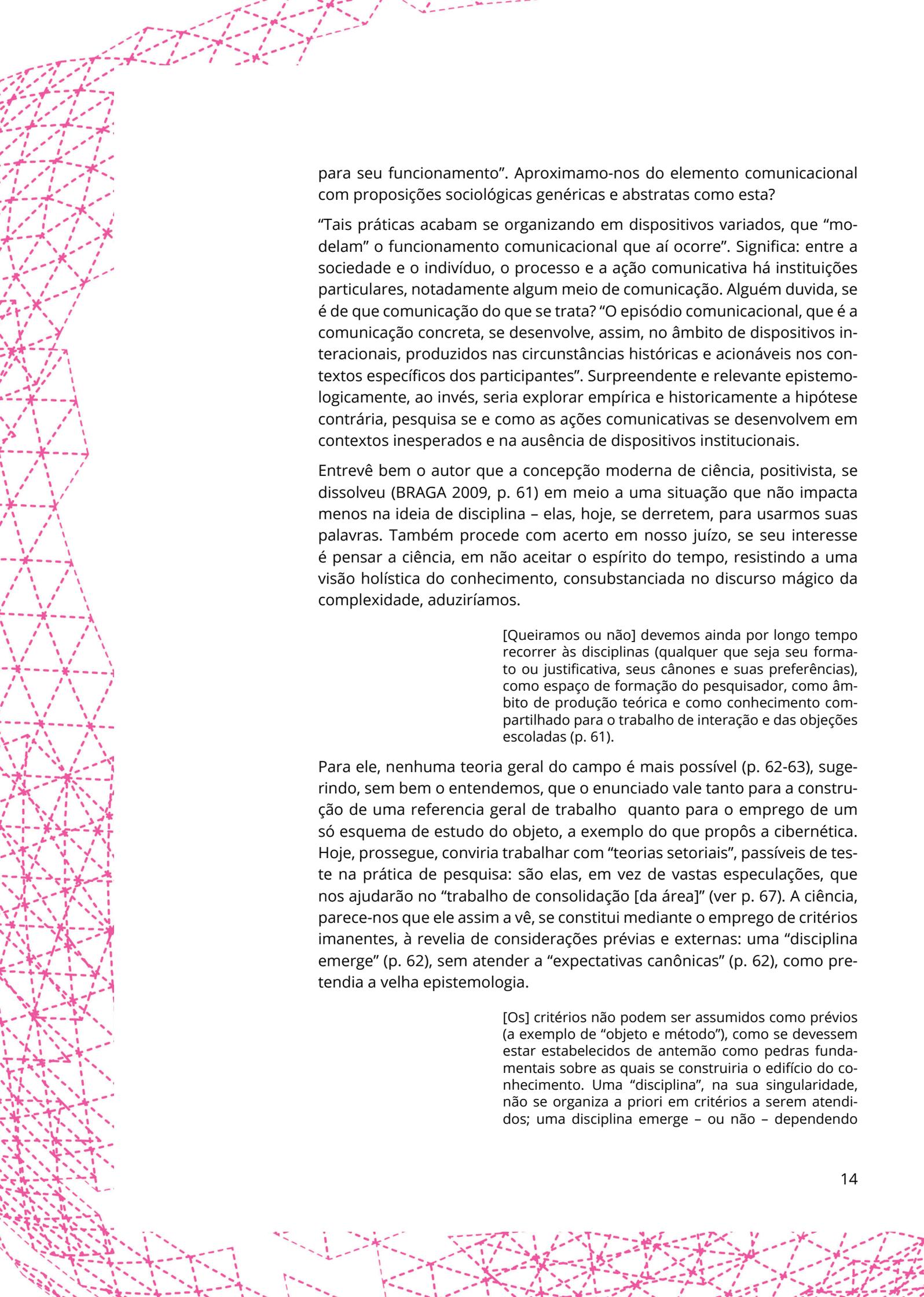
2. Erick Felinto é bem mais duro no julgamento, chamando a atenção, em comentário de artigo do autor, para “a ironia de uma proposta de autonomização do campo comunicacional baseada em um paradigma interdisciplinar estudado por um conhecido historiador” (FELINTO, 2012, p. 240).

Situando-se em plano declaradamente metodológico, sem se perguntar até que ponto a metodologia pode, por si só, colaborar com tanto, é no desenvolvimento desta perspectiva que o autor nos pede para avaliarmos sua contribuição ao campo. Parte ele, nesse sentido, de premissas com que concordamos, defendendo, reiteradas vezes, que um campo científico “se desenvolve pela pesquisa empírica, e não por ‘decisões lógicas e teóricas’ oriundas de seus “construtos explicativos” (BRAGA, 2004, p. 221). A construção do campo e, portanto, do eventual sucesso de seus empreendimentos científicos é função das “práticas de pesquisa” (p. 221). O processo não tem fórmula, caracterizando-se pela tentativa e erro: os resultados que sobrevivem significam uma “abertura de perspectiva [para sua consolidação]” (p. 221)¹.

Conforme ele nos diz no número inaugural da Revista da Compós, o principal é “como realizaremos, nas investigações efetivamente desenvolvidas”, (e não na pura argumentação abstrata de possibilidades teóricas), “a construção de nossos objetos de pesquisa” (BRAGA, 2004a, p. 13). O exame de seus escritos, entretanto, nos revela que, na prática, essa referência à pesquisa não se faz presente como deveria, sendo o caso de se manter a coerência do discurso. Os textos entendem por pesquisa o exame, pelo epistemólogo, do que o pessoal da área diz sobre o que faz, em vez de estudos empíricos, historiográficos, experimentais, etnográficos e outros que eventualmente produza.

Braga virtualmente ignora os relatos que os pesquisadores fazem ao estudar os fenômenos de mídia, focando, no máximo, sobre a reflexão epistemológica que eventualmente se encontra neles². As observações sobre o saber que se encontra em sua obra “representam um relatório clínico elaborado pelo próprio paciente em vez do médico” (WEBER, [1903] 1992, p. 155). O foco não está na relação do discurso com o que este aponta, isto é: o real, para conservar o registro da doutrina da ciência; mas no modo como seus autores o conectam, ou não, com o termo comunicação, deixando a proposta se caracterizar como uma espécie de empirismo abstrato, para usar, noutro sentido, expressão de Wright Mills (1961, p. 68-92).

Sinal vivo disso é texto recente, em que o autor resume sua contribuição aos estudos de comunicação, doutrinando com juízos de evidente trivialidade (BRAGA, 2015, p. 138). “A comunicação é tentativa – se realiza probabilisticamente, com graus variados de sucesso”. Que ação social não pode ser assim definida? Faça o teste o leitor. “Essa tentativa se refere mais propriamente ao que a sociedade tenta viabilizar nas suas interações do que apenas ao esforço de atingir objetivos diferenciados pelos participantes”. Sempre? Quem sabe o que a “sociedade” tenta viabilizar nas suas interações? Sociedade e indivíduo são duas perspectivas com que se pode visualizar toda e qualquer ação. “Em cada modo ou processo social, a sociedade gera, em modo prático, determinados padrões e expectativas inferenciais



para seu funcionamento". Aproximamo-nos do elemento comunicacional com proposições sociológicas genéricas e abstratas como esta?

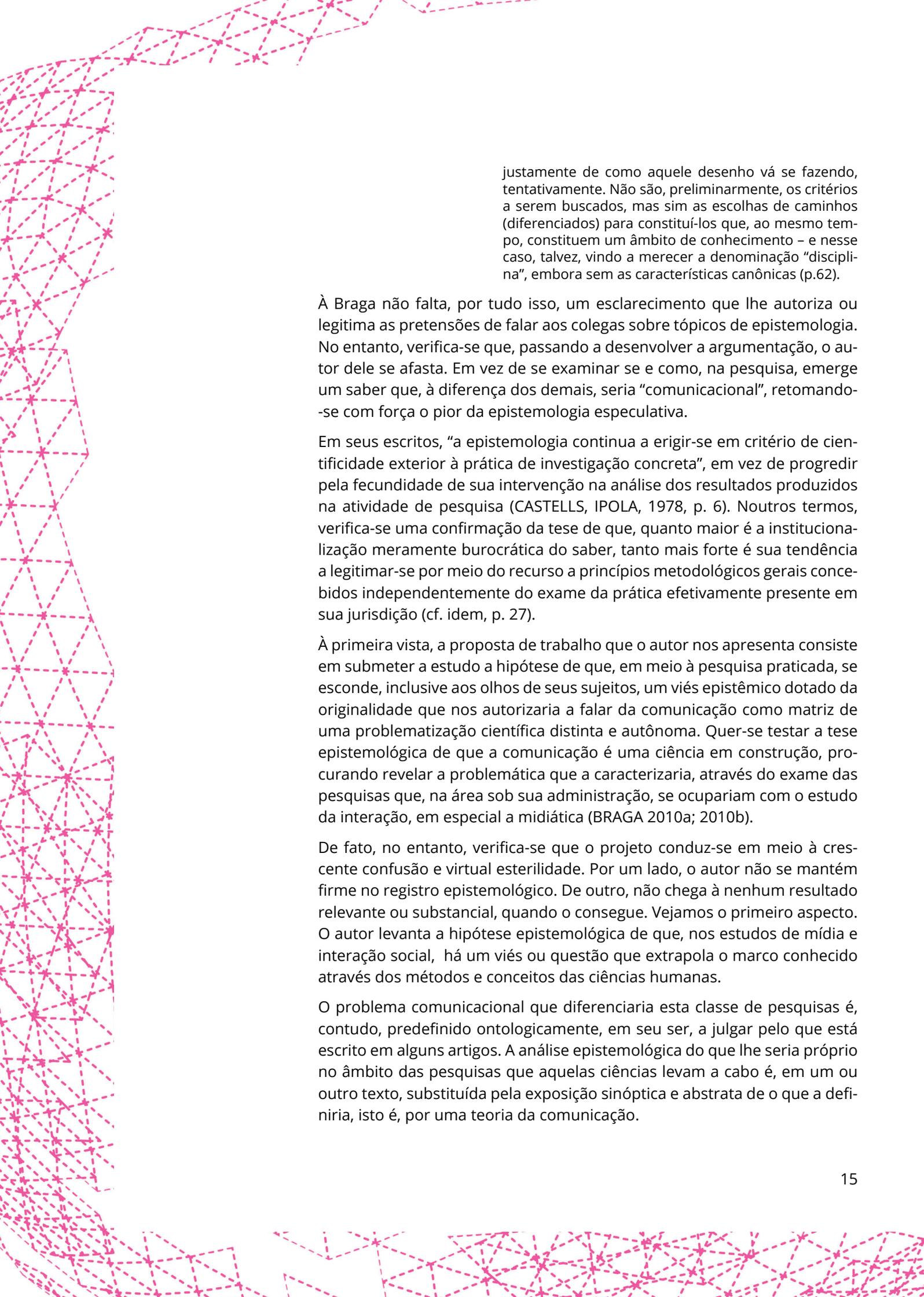
"Tais práticas acabam se organizando em dispositivos variados, que "modelam" o funcionamento comunicacional que aí ocorre". Significa: entre a sociedade e o indivíduo, o processo e a ação comunicativa há instituições particulares, notadamente algum meio de comunicação. Alguém duvida, se é de que comunicação do que se trata? "O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve, assim, no âmbito de dispositivos interacionais, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes". Surpreendente e relevante epistemologicamente, ao invés, seria explorar empírica e historicamente a hipótese contrária, pesquisa se e como as ações comunicativas se desenvolvem em contextos inesperados e na ausência de dispositivos institucionais.

Entrevê bem o autor que a concepção moderna de ciência, positivista, se dissolveu (BRAGA 2009, p. 61) em meio a uma situação que não impacta menos na ideia de disciplina – elas, hoje, se derretem, para usarmos suas palavras. Também procede com acerto em nosso juízo, se seu interesse é pensar a ciência, em não aceitar o espírito do tempo, resistindo a uma visão holística do conhecimento, consubstanciada no discurso mágico da complexidade, aduziríamos.

[Queiramos ou não] devemos ainda por longo tempo recorrer às disciplinas (qualquer que seja seu formato ou justificativa, seus cânones e suas preferências), como espaço de formação do pesquisador, como âmbito de produção teórica e como conhecimento compartilhado para o trabalho de interação e das objeções escoladas (p. 61).

Para ele, nenhuma teoria geral do campo é mais possível (p. 62-63), sugerindo, sem bem o entendemos, que o enunciado vale tanto para a construção de uma referencia geral de trabalho quanto para o emprego de um só esquema de estudo do objeto, a exemplo do que propôs a cibernética. Hoje, prossegue, conviria trabalhar com "teorias setoriais", passíveis de teste na prática de pesquisa: são elas, em vez de vastas especulações, que nos ajudarão no "trabalho de consolidação [da área]" (ver p. 67). A ciência, parece-nos que ele assim a vê, se constitui mediante o emprego de critérios imanentes, à revelia de considerações prévias e externas: uma "disciplina emerge" (p. 62), sem atender a "expectativas canônicas" (p. 62), como pretendia a velha epistemologia.

[Os] critérios não podem ser assumidos como prévios (a exemplo de "objeto e método"), como se devessem estar estabelecidos de antemão como pedras fundamentais sobre as quais se construiria o edifício do conhecimento. Uma "disciplina", na sua singularidade, não se organiza a priori em critérios a serem atendidos; uma disciplina emerge – ou não – dependendo



justamente de como aquele desenho vá se fazendo, tentativamente. Não são, preliminarmente, os critérios a serem buscados, mas sim as escolhas de caminhos (diferenciados) para constituí-los que, ao mesmo tempo, constituem um âmbito de conhecimento – e nesse caso, talvez, vindo a merecer a denominação “disciplina”, embora sem as características canônicas (p.62).

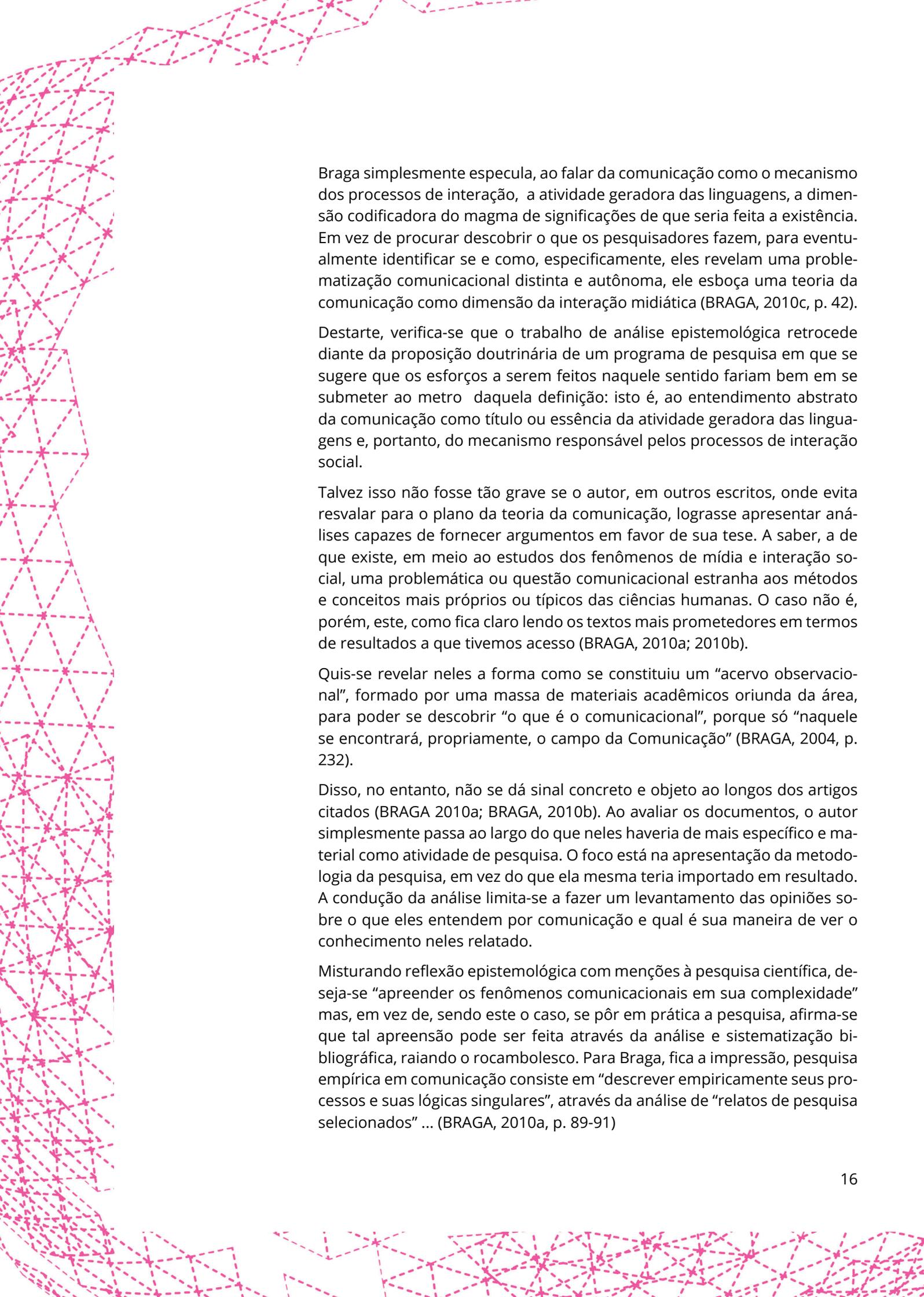
À Braga não falta, por tudo isso, um esclarecimento que lhe autoriza ou legitima as pretensões de falar aos colegas sobre tópicos de epistemologia. No entanto, verifica-se que, passando a desenvolver a argumentação, o autor dele se afasta. Em vez de se examinar se e como, na pesquisa, emerge um saber que, à diferença dos demais, seria “comunicacional”, retomando-se com força o pior da epistemologia especulativa.

Em seus escritos, “a epistemologia continua a erigir-se em critério de cientificidade exterior à prática de investigação concreta”, em vez de progredir pela fecundidade de sua intervenção na análise dos resultados produzidos na atividade de pesquisa (CASTELLS, IPOLA, 1978, p. 6). Noutros termos, verifica-se uma confirmação da tese de que, quanto maior é a institucionalização meramente burocrática do saber, tanto mais forte é sua tendência a legitimar-se por meio do recurso a princípios metodológicos gerais concebidos independentemente do exame da prática efetivamente presente em sua jurisdição (cf. idem, p. 27).

À primeira vista, a proposta de trabalho que o autor nos apresenta consiste em submeter a estudo a hipótese de que, em meio à pesquisa praticada, se esconde, inclusive aos olhos de seus sujeitos, um viés epistêmico dotado da originalidade que nos autorizaria a falar da comunicação como matriz de uma problematização científica distinta e autônoma. Quer-se testar a tese epistemológica de que a comunicação é uma ciência em construção, procurando revelar a problemática que a caracterizaria, através do exame das pesquisas que, na área sob sua administração, se ocupariam com o estudo da interação, em especial a midiática (BRAGA 2010a; 2010b).

De fato, no entanto, verifica-se que o projeto conduz-se em meio à crescente confusão e virtual esterilidade. Por um lado, o autor não se mantém firme no registro epistemológico. De outro, não chega à nenhum resultado relevante ou substancial, quando o consegue. Vejamos o primeiro aspecto. O autor levanta a hipótese epistemológica de que, nos estudos de mídia e interação social, há um viés ou questão que extrapola o marco conhecido através dos métodos e conceitos das ciências humanas.

O problema comunicacional que diferenciaria esta classe de pesquisas é, contudo, predefinido ontologicamente, em seu ser, a julgar pelo que está escrito em alguns artigos. A análise epistemológica do que lhe seria próprio no âmbito das pesquisas que aquelas ciências levam a cabo é, em um ou outro texto, substituída pela exposição sinóptica e abstrata de o que a definiria, isto é, por uma teoria da comunicação.



Braga simplesmente especula, ao falar da comunicação como o mecanismo dos processos de interação, a atividade geradora das linguagens, a dimensão codificadora do magma de significações de que seria feita a existência. Em vez de procurar descobrir o que os pesquisadores fazem, para eventualmente identificar se e como, especificamente, eles revelam uma problematização comunicacional distinta e autônoma, ele esboça uma teoria da comunicação como dimensão da interação midiática (BRAGA, 2010c, p. 42).

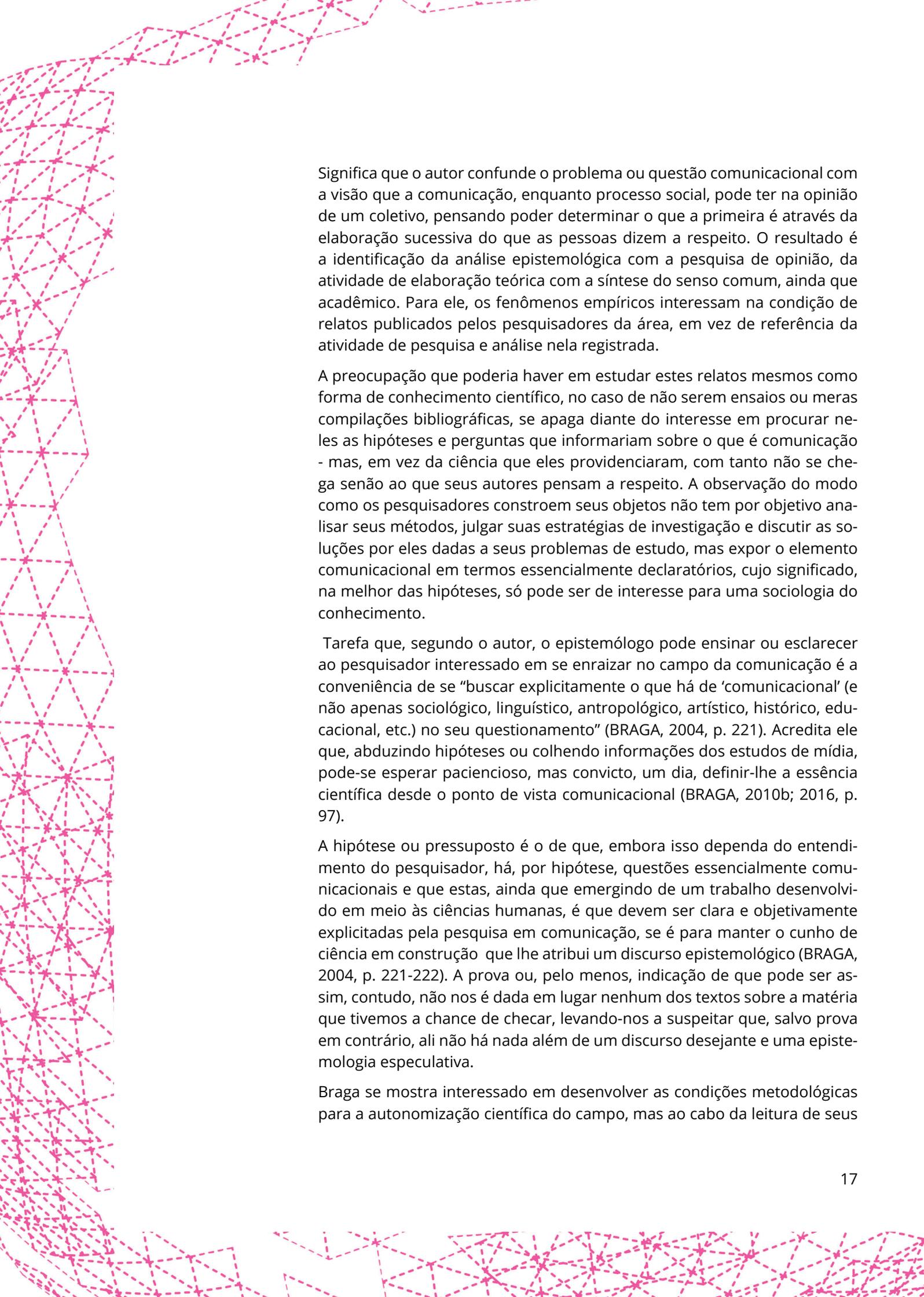
Destarte, verifica-se que o trabalho de análise epistemológica retrocede diante da proposição doutrinária de um programa de pesquisa em que se sugere que os esforços a serem feitos naquele sentido fariam bem em se submeter ao metro daquela definição: isto é, ao entendimento abstrato da comunicação como título ou essência da atividade geradora das linguagens e, portanto, do mecanismo responsável pelos processos de interação social.

Talvez isso não fosse tão grave se o autor, em outros escritos, onde evita resvalar para o plano da teoria da comunicação, lograsse apresentar análises capazes de fornecer argumentos em favor de sua tese. A saber, a de que existe, em meio aos estudos dos fenômenos de mídia e interação social, uma problemática ou questão comunicacional estranha aos métodos e conceitos mais próprios ou típicos das ciências humanas. O caso não é, porém, este, como fica claro lendo os textos mais prometedores em termos de resultados a que tivemos acesso (BRAGA, 2010a; 2010b).

Quis-se revelar neles a forma como se constituiu um “acervo observacional”, formado por uma massa de materiais acadêmicos oriunda da área, para poder se descobrir “o que é o comunicacional”, porque só “naquele se encontrará, propriamente, o campo da Comunicação” (BRAGA, 2004, p. 232).

Disso, no entanto, não se dá sinal concreto e objeto ao longo dos artigos citados (BRAGA 2010a; BRAGA, 2010b). Ao avaliar os documentos, o autor simplesmente passa ao largo do que neles haveria de mais específico e material como atividade de pesquisa. O foco está na apresentação da metodologia da pesquisa, em vez do que ela mesma teria importado em resultado. A condução da análise limita-se a fazer um levantamento das opiniões sobre o que eles entendem por comunicação e qual é sua maneira de ver o conhecimento neles relatado.

Misturando reflexão epistemológica com menções à pesquisa científica, deseja-se “apreender os fenômenos comunicacionais em sua complexidade” mas, em vez de, sendo este o caso, se pôr em prática a pesquisa, afirma-se que tal apreensão pode ser feita através da análise e sistematização bibliográfica, raiando o rocambolesco. Para Braga, fica a impressão, pesquisa empírica em comunicação consiste em “descrever empiricamente seus processos e suas lógicas singulares”, através da análise de “relatos de pesquisa selecionados” ... (BRAGA, 2010a, p. 89-91)



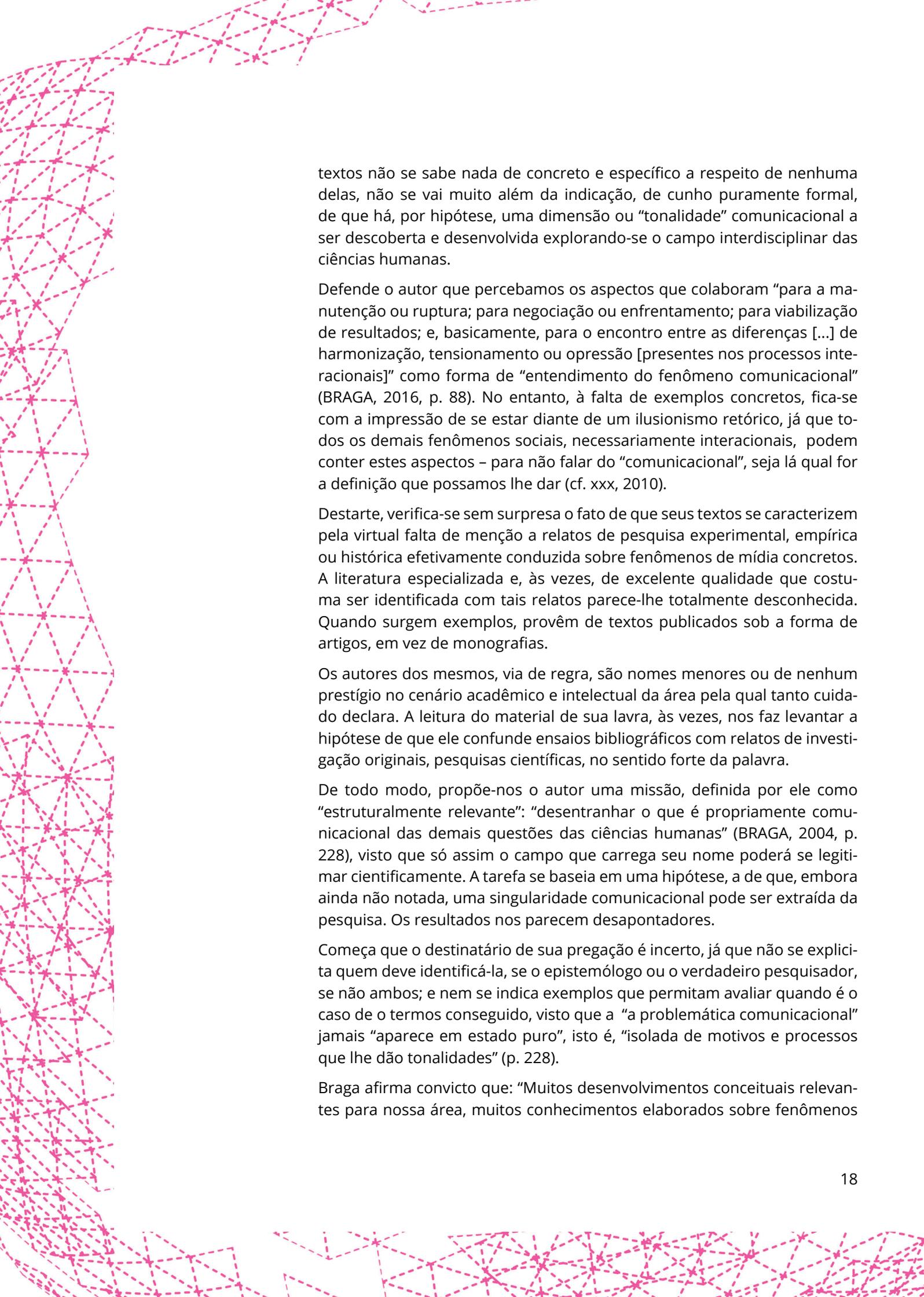
Significa que o autor confunde o problema ou questão comunicacional com a visão que a comunicação, enquanto processo social, pode ter na opinião de um coletivo, pensando poder determinar o que a primeira é através da elaboração sucessiva do que as pessoas dizem a respeito. O resultado é a identificação da análise epistemológica com a pesquisa de opinião, da atividade de elaboração teórica com a síntese do senso comum, ainda que acadêmico. Para ele, os fenômenos empíricos interessam na condição de relatos publicados pelos pesquisadores da área, em vez de referência da atividade de pesquisa e análise nela registrada.

A preocupação que poderia haver em estudar estes relatos mesmos como forma de conhecimento científico, no caso de não serem ensaios ou meras compilações bibliográficas, se apaga diante do interesse em procurar nelas as hipóteses e perguntas que informariam sobre o que é comunicação - mas, em vez da ciência que eles providenciaram, com tanto não se chega senão ao que seus autores pensam a respeito. A observação do modo como os pesquisadores constroem seus objetos não tem por objetivo analisar seus métodos, julgar suas estratégias de investigação e discutir as soluções por eles dadas a seus problemas de estudo, mas expor o elemento comunicacional em termos essencialmente declaratórios, cujo significado, na melhor das hipóteses, só pode ser de interesse para uma sociologia do conhecimento.

Tarefa que, segundo o autor, o epistemólogo pode ensinar ou esclarecer ao pesquisador interessado em se enraizar no campo da comunicação é a conveniência de se “buscar explicitamente o que há de ‘comunicacional’ (e não apenas sociológico, linguístico, antropológico, artístico, histórico, educacional, etc.) no seu questionamento” (BRAGA, 2004, p. 221). Acredita ele que, abduzindo hipóteses ou colhendo informações dos estudos de mídia, pode-se esperar pacioso, mas convicto, um dia, definir-lhe a essência científica desde o ponto de vista comunicacional (BRAGA, 2010b; 2016, p. 97).

A hipótese ou pressuposto é o de que, embora isso dependa do entendimento do pesquisador, há, por hipótese, questões essencialmente comunicacionais e que estas, ainda que emergindo de um trabalho desenvolvido em meio às ciências humanas, é que devem ser clara e objetivamente explicitadas pela pesquisa em comunicação, se é para manter o cunho de ciência em construção que lhe atribui um discurso epistemológico (BRAGA, 2004, p. 221-222). A prova ou, pelo menos, indicação de que pode ser assim, contudo, não nos é dada em lugar nenhum dos textos sobre a matéria que tivemos a chance de checar, levando-nos a suspeitar que, salvo prova em contrário, ali não há nada além de um discurso desejante e uma epistemologia especulativa.

Braga se mostra interessado em desenvolver as condições metodológicas para a autonomização científica do campo, mas ao cabo da leitura de seus



textos não se sabe nada de concreto e específico a respeito de nenhuma delas, não se vai muito além da indicação, de cunho puramente formal, de que há, por hipótese, uma dimensão ou “tonalidade” comunicacional a ser descoberta e desenvolvida explorando-se o campo interdisciplinar das ciências humanas.

Defende o autor que percebamos os aspectos que colaboram “para a manutenção ou ruptura; para negociação ou enfrentamento; para viabilização de resultados; e, basicamente, para o encontro entre as diferenças [...] de harmonização, tensionamento ou opressão [presentes nos processos interacionais]” como forma de “entendimento do fenômeno comunicacional” (BRAGA, 2016, p. 88). No entanto, à falta de exemplos concretos, fica-se com a impressão de se estar diante de um ilusionismo retórico, já que todos os demais fenômenos sociais, necessariamente interacionais, podem conter estes aspectos – para não falar do “comunicacional”, seja lá qual for a definição que possamos lhe dar (cf. xxx, 2010).

Destarte, verifica-se sem surpresa o fato de que seus textos se caracterizem pela virtual falta de menção a relatos de pesquisa experimental, empírica ou histórica efetivamente conduzida sobre fenômenos de mídia concretos. A literatura especializada e, às vezes, de excelente qualidade que costuma ser identificada com tais relatos parece-lhe totalmente desconhecida. Quando surgem exemplos, provêm de textos publicados sob a forma de artigos, em vez de monografias.

Os autores dos mesmos, via de regra, são nomes menores ou de nenhum prestígio no cenário acadêmico e intelectual da área pela qual tanto cuidado declara. A leitura do material de sua lavra, às vezes, nos faz levantar a hipótese de que ele confunde ensaios bibliográficos com relatos de investigação originais, pesquisas científicas, no sentido forte da palavra.

De todo modo, propõe-nos o autor uma missão, definida por ele como “estruturalmente relevante”: “desentranhar o que é propriamente comunicacional das demais questões das ciências humanas” (BRAGA, 2004, p. 228), visto que só assim o campo que carrega seu nome poderá se legitimar cientificamente. A tarefa se baseia em uma hipótese, a de que, embora ainda não notada, uma singularidade comunicacional pode ser extraída da pesquisa. Os resultados nos parecem desapontadores.

Começa que o destinatário de sua pregação é incerto, já que não se explicita quem deve identificá-la, se o epistemólogo ou o verdadeiro pesquisador, se não ambos; e nem se indica exemplos que permitam avaliar quando é o caso de o termos conseguido, visto que a “a problemática comunicacional” jamais “aparece em estado puro”, isto é, “isolada de motivos e processos que lhe dão tonalidades” (p. 228).

Braga afirma convicto que: “Muitos desenvolvimentos conceituais relevantes para nossa área, muitos conhecimentos elaborados sobre fenômenos



de interesse, têm sido produzidos por outras, ainda que interessados na questão de modo complementar” (p. 230). Que conhecimento são estes, contudo, não se fica de fato sabendo, de modo que, no final da contas, não se sai do grau zero sobre a matéria. O fator comunicacional cuja identificação permitiria a emancipação de um novo saber desponta, após termos examinado os escritos do autor, como uma especulação epistemológica.

Diz-se que o que temos nesse sentido, sobre a variável comunicacional, provém de alhures, mas nem se aponta elementos capazes de a caracterizar, nem se examina se os trabalhos feitos em nossa área o fizeram e, sobretudo, conseguiram. Os estudos de interface que o providenciariam não são exemplificados e, em vez de análises corroboradoras do argumento, baseada em documentação de boa qualidade, não se oferece mais que uma deontologia disfarçada de metodologia (p. 230-231).

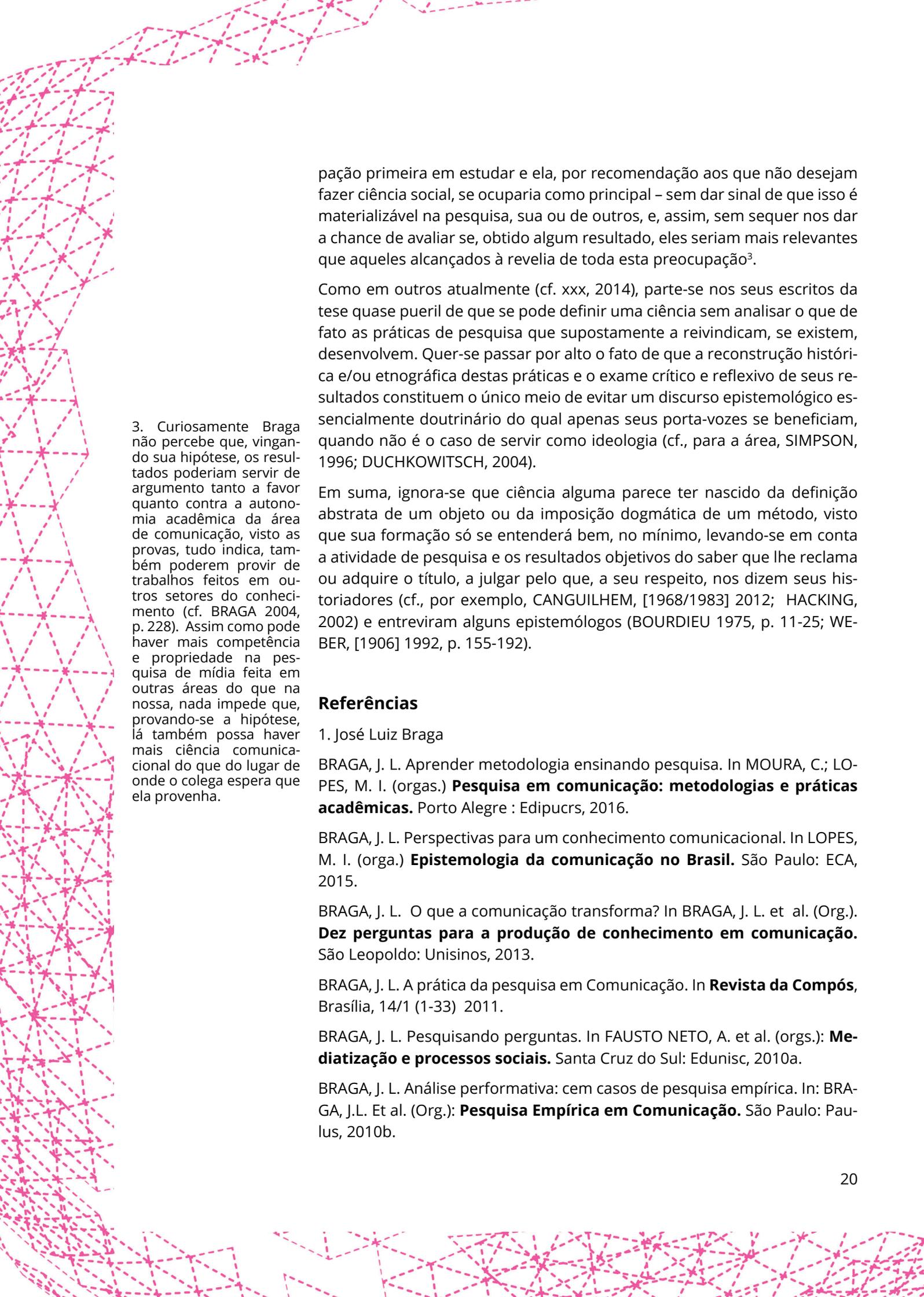
O autor postula a autonomia do registro epistemológico para tentar conferir à pesquisa em comunicação mesma, em seu ver mais específica que os estudos de mídia e interação social, visto estes últimos também serem praticados em outras searas, o estatuto de disciplina distinta, mas sem fornecer evidências ou identificar-lhe os sinais, esgota seus textos na petição abstrata.

As análises com que se poderia, talvez, atestar a propriedade material da tese não se fazem presentes em seus artigos, reduzindo aquele registro à pura e simples especulação, objeto virtual de um programa de investigação que, sem contribuições sequer do criador, ninguém sabe quem desenvolverá. O máximo a que se chega é uma coleta de opiniões a seu respeito, em meio a qual a reflexão e análise epistemológica concreta, porque pontual e precisa, se dissolve em uma sociologia documental do emprego do termo comunicação, na qual o exame analítico do saber cede lugar à recolha e ordenamento de declarações.

Braga afirma que a “comunicação”, a distinguir da mídia, constitui uma “questão”, potencialmente autônoma, cuja exploração “solicita reflexão, ações e conhecimentos especiais” (p. 226). Finda a leitura de seus textos, todavia ainda não se sabe o que define esta questão, nem muito menos os conhecimentos especiais que ela solicitaria.

Em geral, fica a suspeita de que apesar de proposta, não há base para crer em sua propriedade. A prova talvez esteja no fato de, no final das contas, retornar o autor ao entendimento da epistemologia como atividade doutrinária, cujo objetivo, em vez da análise e crítica do saber, seria “consolidar o campo de estudos”, através da oferta de “programas de ação” (BRAGA, 2009, p. 64).

Prega o autor por nós estudado nestas páginas em favor da emancipação epistemológica e, portanto, científica dos estudos de comunicação projetando uma dimensão cognitiva que as demais ciências não teriam preocu-



3. Curiosamente Braga não percebe que, vingando sua hipótese, os resultados poderiam servir de argumento tanto a favor quanto contra a autonomia acadêmica da área de comunicação, visto as provas, tudo indica, também poderem provir de trabalhos feitos em outros setores do conhecimento (cf. BRAGA 2004, p. 228). Assim como pode haver mais competência e propriedade na pesquisa de mídia feita em outras áreas do que na nossa, nada impede que, provando-se a hipótese, lá também possa haver mais ciência comunicacional do que do lugar de onde o colega espera que ela provenha.

pação primeira em estudar e ela, por recomendação aos que não desejam fazer ciência social, se ocuparia como principal – sem dar sinal de que isso é materializável na pesquisa, sua ou de outros, e, assim, sem sequer nos dar a chance de avaliar se, obtido algum resultado, eles seriam mais relevantes que aqueles alcançados à revelia de toda esta preocupação³.

Como em outros atualmente (cf. xxx, 2014), parte-se nos seus escritos da tese quase pueril de que se pode definir uma ciência sem analisar o que de fato as práticas de pesquisa que supostamente a reivindicam, se existem, desenvolvem. Quer-se passar por alto o fato de que a reconstrução histórica e/ou etnográfica destas práticas e o exame crítico e reflexivo de seus resultados constituem o único meio de evitar um discurso epistemológico essencialmente doutrinário do qual apenas seus porta-vozes se beneficiam, quando não é o caso de servir como ideologia (cf., para a área, SIMPSON, 1996; DUCHKOWITSCH, 2004).

Em suma, ignora-se que ciência alguma parece ter nascido da definição abstrata de um objeto ou da imposição dogmática de um método, visto que sua formação só se entenderá bem, no mínimo, levando-se em conta a atividade de pesquisa e os resultados objetivos do saber que lhe reclama ou adquire o título, a julgar pelo que, a seu respeito, nos dizem seus historiadores (cf., por exemplo, CANGUILHEM, [1968/1983] 2012; HACKING, 2002) e entrevistaram alguns epistemólogos (BOURDIEU 1975, p. 11-25; WEBER, [1906] 1992, p. 155-192).

Referências

1. José Luiz Braga

BRAGA, J. L. Aprender metodologia ensinando pesquisa. In MOURA, C.; LOPES, M. I. (orgs.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre : Edipucrs, 2016.

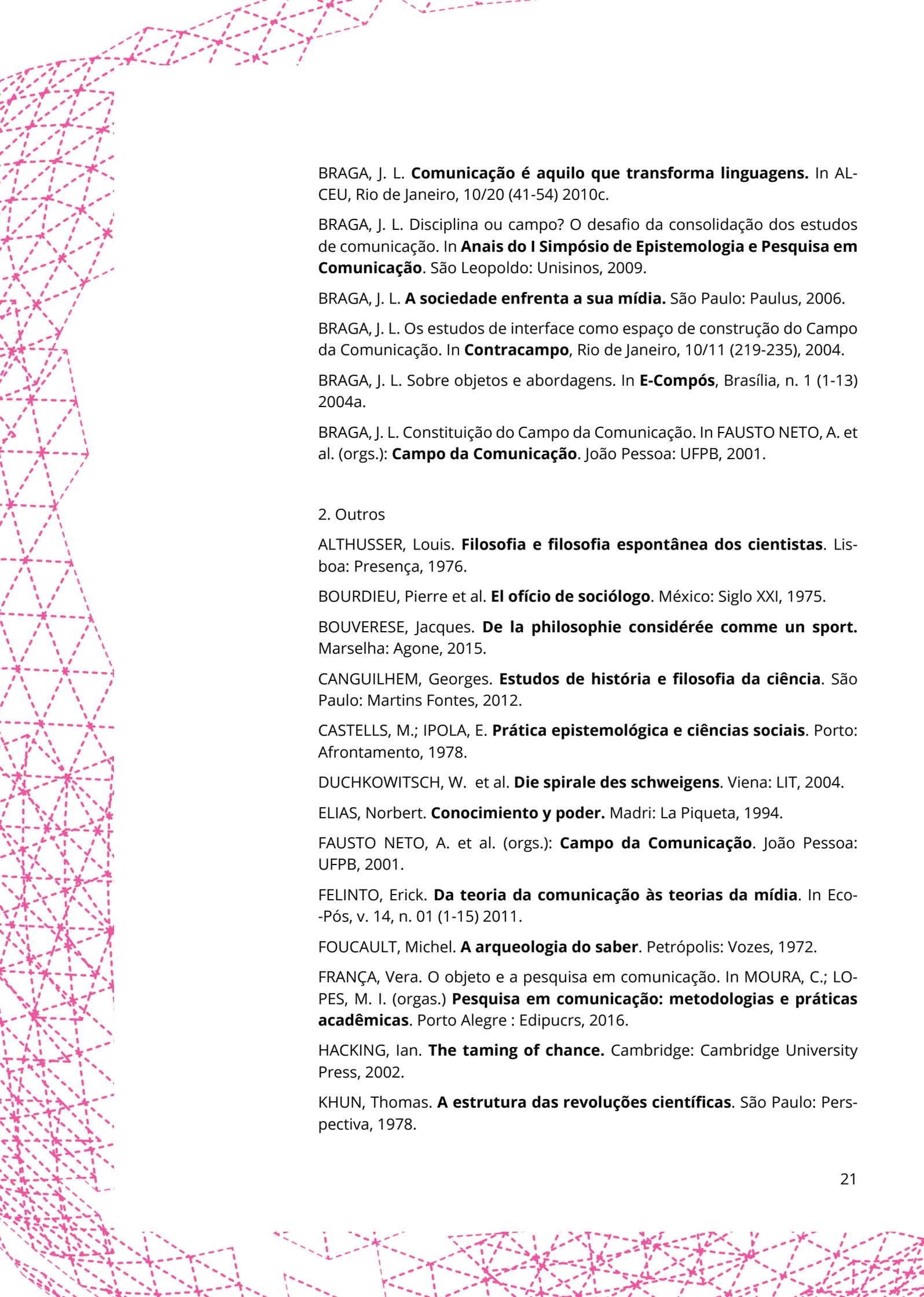
BRAGA, J. L. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In LOPES, M. I. (orga.) **Epistemologia da comunicação no Brasil**. São Paulo: ECA, 2015.

BRAGA, J. L. O que a comunicação transforma? In BRAGA, J. L. et al. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em Comunicação. In **Revista da Compós**, Brasília, 14/1 (1-33) 2011.

BRAGA, J. L. Pesquisando perguntas. In FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.): **Mediatização e processos sociais**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010a.

BRAGA, J. L. Análise performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: BRAGA, J.L. Et al. (Org.): **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010b.



BRAGA, J. L. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens.** In ALCEU, Rio de Janeiro, 10/20 (41-54) 2010c.

BRAGA, J. L. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos de comunicação. In **Anais do I Simpósio de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta a sua mídia.** São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. In **Contracampo,** Rio de Janeiro, 10/11 (219-235), 2004.

BRAGA, J. L. Sobre objetos e abordagens. In **E-Compós,** Brasília, n. 1 (1-13) 2004a.

BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. In FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.): **Campo da Comunicação.** João Pessoa: UFPB, 2001.

2. Outros

ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas.** Lisboa: Presença, 1976.

BOURDIEU, Pierre et al. **El ofício de sociólogo.** México: Siglo XXI, 1975.

BOUVERESE, Jacques. **De la philosophie considérée comme un sport.** Marselha: Agone, 2015.

CANGUILHEM, Georges. **Estudos de história e filosofia da ciência.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CASTELLS, M.; IPOLA, E. **Prática epistemológica e ciências sociais.** Porto: Afrontamento, 1978.

DUCHKOWITSCH, W. et al. **Die spirale des schweigens.** Viena: LIT, 2004.

ELIAS, Norbert. **Conocimiento y poder.** Madri: La Piqueta, 1994.

FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.): **Campo da Comunicação.** João Pessoa: UFPB, 2001.

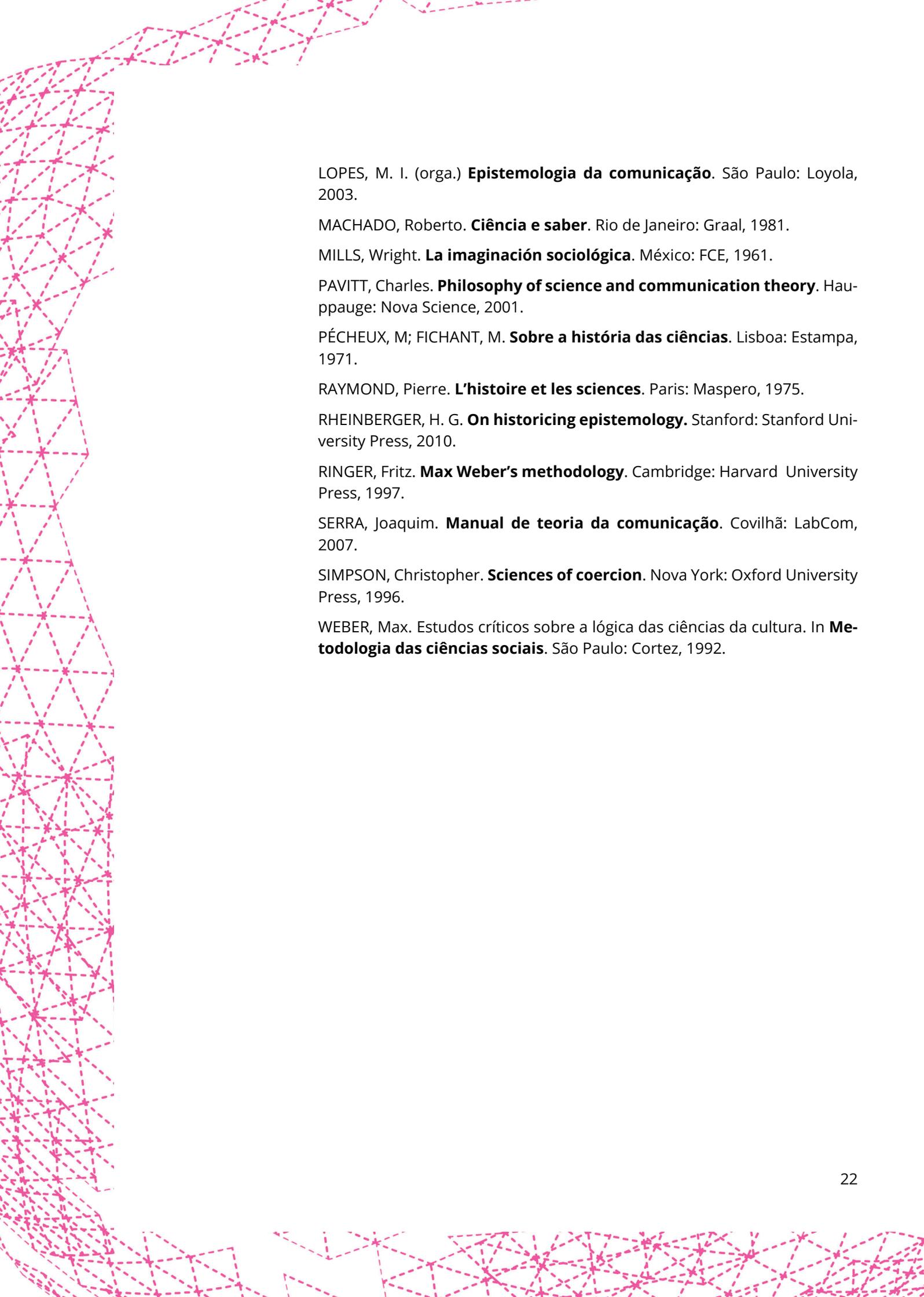
FELINTO, Erick. **Da teoria da comunicação às teorias da mídia.** In Eco-Pós, v. 14, n. 01 (1-15) 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Petrópolis: Vozes, 1972.

FRANÇA, Vera. O objeto e a pesquisa em comunicação. In MOURA, C.; LOPES, M. I. (orgas.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas.** Porto Alegre : Edipucrs, 2016.

HACKING, Ian. **The taming of chance.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1978.



LOPES, M. I. (orga.) **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MILLS, Wright. **La imaginación sociológica**. México: FCE, 1961.

PAVITT, Charles. **Philosophy of science and communication theory**. Hauppauge: Nova Science, 2001.

PÉCHEUX, M; FICHANT, M. **Sobre a história das ciências**. Lisboa: Estampa, 1971.

RAYMOND, Pierre. **L'histoire et les sciences**. Paris: Maspero, 1975.

RHEINBERGER, H. G. **On historicizing epistemology**. Stanford: Stanford University Press, 2010.

RINGER, Fritz. **Max Weber's methodology**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

SERRA, Joaquim. **Manual de teoria da comunicação**. Covilhã: LabCom, 2007.

SIMPSON, Christopher. **Sciences of coercion**. Nova York: Oxford University Press, 1996.

WEBER, Max. Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura. In **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1992.